



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Graduação em Educação Física

**O USO DA LUDICIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA, NO APRENDIZADO DE UMA
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Raíssa Bequiman Borges

Brasília – DF
2021

RAÍSSA BEQUIMAN BORGES

**O USO DA LUDICIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA, NO APRENDIZADO DE UMA
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Orientador: Prof. Glauco Falcão de Araújo.

Brasília – DF
2021

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que não me deixou desistir em nenhuma etapa desta graduação, sempre me dando forças e me fazendo acreditar no que eu era capaz. Dedico a minha família também que mostraram a importância de persistir, e meus amigos que estiveram comigo em todas as fases mantendo meu ânimo e alegrias. Todos ajudaram de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a Deus porque foi dele que veio toda a força para continuar firme no meu caminho e realizar meus sonhos. Todas as vezes que eu descreditei foi Ele quem me pôs de pé e viu todos meus choros escondidos e dificuldades de perto.

Agradeço a minha família por nunca duvidarem da minha capacidade de conquistar o que eu quero, agradeço a minha mãe Luzinete Bequiman e a meu pai Raimundo Borges por sempre estarem do meu lado e por me darem as melhores condições para terminar este trabalho. Agradeço ao Pedro Henrique, Andrei Bequiman, Luzilene Bequiman e Luiza Bequiman por todas as palavras de força e de esperança.

Agradeço a todos meus amigos que estiveram do meu lado ao longo de toda ou em grande parte dessa caminhada, sempre acreditando em mim até mesmo quando nem eu acreditava: Sidneya Nascimento, Tayná Maciel, Cleiton de Jesus, Joyce Siqueira, Rafaela de Oliveira e Thaís Lopes. Vocês foram fundamentais nesta caminhada.

Agradeço aos meus professores que sempre servirão de inspiração em minha carreira: Alice Medina, Jaciara Leite, Lídia Bezerra, Lauro Viana, Glauco Falcão e Ricardo Bezerra. Vocês me ensinaram que ser professora é muito mais do que só ensinar, é o que recebemos em troca, é ver a mudança acontecendo no mundo mesmo que seja por algo meramente pequeno. Me ensinaram que o processo para alcançar o que quisermos é o mais importante, o que a gente leva durante a caminhada é que faz a gente ser o que é. Vocês serão lembrados sempre com muito carinho, sou eternamente grata.

A todos, a minha eterna gratidão!

RESUMO

Sabe-se que a Língua Inglesa é de grande importância no mundo, pois de acordo com o levantamento realizado pelo site World Tips, o inglês é a língua mais disseminada ao redor do globo. E devido a isso, o seu ensino deveria ser tratado de uma forma mais prioritária no Brasil, e com uma dinâmica mais facilitadora ao seu aprendizado. Partindo desta ideia, o objetivo neste trabalho foi investigar como a integralização da Educação Física com a Língua Inglesa nos anos iniciais pode ajudar na aquisição de um conhecimento mútuo através do uso da ludicidade. Passando por uma grande imersão nas concepções de aprendizagem, as quais mostram a tamanha importância do lúdico para crianças; na motivação do ensino do inglês no Brasil; e por fim, demonstrando que a ludicidade da Educação Física poderia ser usada para um aumento dessa motivação no aprendizado desta língua estrangeira se fosse possível haver uma interdisciplinaridade entre ambas.

Palavras-chaves: motivação, ludicidade, Educação Física, Língua Inglesa, anos iniciais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. APRENDIZAGEM.....	3
1.1 Concepções de aprendizagem	3
1.2 Teorias do desenvolvimento	3
2. LINGUAGEM	7
1.1 Aquisição da linguagem	7
1.2 O ensino da Língua Inglesa	9
3. LUDICIDADE	10
METODOLOGIA	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS.....	14

INTRODUÇÃO

Sempre fui apaixonada por esportes e brincadeiras desde criança. Para mim, sempre foi causa de muita motivação fazer atividades que envolviam movimentos corporais. Fui atleta de futsal a minha vida toda e por consequência acabei me apaixonando por Educação Física. Em uma grande oportunidade da vida pude trabalhar em uma empresa na qual mistura futebol com o aprendizado do Inglês para crianças, e isso foi algo que me chamou a atenção para a questão que levantarei neste trabalho. Como algo próprio da Educação Física motiva as crianças a aprender inglês.

Nas minhas experiências em escolas e até com adultos, o lúdico sempre foi um fator primordial para um melhor aprendizado e é muito notório o rendimento e realização de quem está participando da aula usando dele. Daí cheguei a um questionamento: por que não abranger todos os conteúdos da Educação Física usando do lúdico e inserindo conteúdos de Inglês? E foi daí que resolvi fazer essa investigação para um olhar mais profundo sobre essa interdisciplinaridade, esta que é algo que busca a junção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas, permitindo assim, que o aluno obtenha uma visão mais ampla a respeito de ambas.

Sabe-se que a Língua Inglesa é de grande importância no mundo, pois de acordo com o levantamento realizado pelo site World Tips, baseado na 22ª edição do Ethnologue, uma base de dados que analisa a população mundial, com cerca de 1.132.366.680 de falantes, o inglês é a língua mais disseminada ao redor do mundo. E devido a isso, o seu ensino deveria ser tratado de uma forma mais prioritária no Brasil, e com uma dinâmica mais facilitadora ao seu aprendizado.

O acesso para adquirir esse conhecimento é muitas vezes precário, o que pode acarretar numa falta de motivação dos alunos em aprender um pouco mais sobre essa língua, mesmo sabendo que só há um pequeno contato com esta ao longo da sua vida escolar.

Neste trabalho, o objetivo é investigar como a integralização da Educação Física com a Língua Inglesa nos anos iniciais pode ajudar na aquisição de um conhecimento mútuo através do uso da ludicidade. Seja este feito através da Educação Física escolar, através de um esporte no período contrário às aulas ou até mesmo como um projeto para crianças que não possuem tanta oportunidade quanto outras, de estudar em uma escola bilíngue.

Não existem dados sobre o recente fenômeno da educação bilíngue no Brasil. Não é possível saber a extensão dos projetos, a concepção de bilinguismo nem as metodologias utilizadas, sobretudo na rede privada (MEGALE, 2019). Mas em relação ao crescimento da demanda e da oferta, com base no Censo Escolar de 2018, existia estimativas de 3% das cerca

de 40 mil escolas privadas oferecendo algum tipo de ensino bilíngue. Se considerar apenas o contingente de matrículas das escolas privadas do Ensino Fundamental, cerca de 9 milhões (18,4% do total), as estimativas eram entre 270 e 360 mil estudantes. Comparativamente, na Argentina, Chile e Uruguai esses índices eram, respectivamente de 10% (MARINI, 2018).

Em praticamente todas as unidades federativas do país há alguma oferta de língua estrangeira em escolas públicas, frequentemente o inglês, na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental, algo como 2800 municípios (TANAKA, 2017).

Em síntese, este trabalho irá focar no ensino do Inglês mutuamente com a Educação Física. E por este motivo irá a fundo em alguns pontos cruciais desde o início. Começando com uma pesquisa bibliográfica sobre algumas concepções de aprendizagem e linhas de pensamento sobre o desenvolvimento da linguagem no ser humano na sua infância. Será abordado também sobre a importância do contato com uma segunda língua (no caso, o inglês) desde criança; o uso da ludicidade, bastante abrangente na Educação Física, no aprendizado e aquisição da linguagem; e uma investigação de como essa combinação pode aumentar a motivação da aprendizagem de uma segunda língua.

Sabe-se que quanto mais experiências, mais ações e vivências uma criança tiver, mais isso pode agregar no seu processo cognitivo de aprendizagem no geral, mas principalmente, na linguagem. Processos cognitivos são aqueles que nos tornam humanos, responsáveis pela percepção das emoções, pela linguagem, pela memória entre outras esferas que envolvem o comportamento humano. E a Educação Física tem uma gama de conteúdos enorme que engloba todo esse pacote para um melhor desenvolvimento psicomotor. Para a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade *“A psicomotricidade é uma ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de manutenção, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas afetivas e orgânicas”* (S. B. P., 1999, s. p.). Sendo assim, ao juntar com o ensino de uma nova língua, os benefícios trazidos à vida das pessoas podem ser imensuráveis.

1. APRENDIZAGEM

1.1 Concepções de aprendizagem

Nos estudos sobre aprendizagem, Giusta (2013) a conceitua como algo que emergiu das investigações empiristas da Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo conhecimento adquirido provém da experiência. Desta maneira, é importante o conhecimento dos três tipos de concepções de aprendizagem existentes: a inatista, a ambientalista e a interacionista.

Sabe-se que a inatista baseia-se apenas por fatores genéticos como influência nas capacidades básicas dos seres humanos, ou seja, diz que essas capacidades já estão pré-determinadas e que é determinante para aprendizagem o desenvolvimento biológico (QUEIROZ, 2008).

Já a ambientalista, também chamada de *behaviorista*, defende que é o ambiente que tem sua influência na aprendizagem. Esta trabalha com estímulos, privilegiando a experiência. É necessário que o professor passe desafios aos alunos para que haja cada vez mais novas experiências, que são decisivas na formação dos hábitos e na constituição das características humanas (PESSOA et al., 2017; QUEIROZ, 2008).

Na concepção interacionista, há uma mistura das duas outras concepções citadas anteriormente. Queiroz (2008) alega que tanto o ambiente, quanto a genética influenciam diretamente no processo de aprendizagem do ser humano. Segundo essa concepção de aprendizagem, o conhecimento é adquirido ao longo de toda a vida, por experiências, por essa interação com o ambiente e pelas diversificadas internalizações (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Além disso, Queiroz também diz:

As experiências anteriores servirão de base para novas construções de conhecimentos, que não serão adquiridos passivamente, mas sim graças às pressões do meio sobre o indivíduo e a relação que o mesmo estabelece com o ambiente numa determinada situação (QUEIROZ, 2008, p. 10).

1.2 Teorias de desenvolvimento

Dentre os teóricos que abordam a questão do desenvolvimento da aprendizagem, podemos destacar Henri Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky, os quais serão apresentados de seguida com as principais características de suas teorias.

Henri Wallon (1879 - 1962) considerava o estudo da Psicologia como base para uma possível renovação da prática educativa, e assim como prática educativa, um campo para a pesquisa psicológica numa relação de troca. Para ele, o desenvolvimento infantil fazia parte de um contexto em que as relações interpessoais, históricas e culturais eram privilegiadas. E as relações da criança com o ambiente, não prevaleciam uma sobre a outra, pois havia uma ação de reciprocidade (QUEIROZ, 2008).

Nas palavras de Wallon:

Jamais pude dissociar o biológico do social, não porque os creia redutíveis entre si, mas porque, no homem, eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas. (WALLON, apud Werebe & Nadel-Brulfert, 1986, p.8)

Wallon, segundo Queiroz (2008), propõe o estudo integrado do desenvolvimento, que abarca toda a atividade infantil – afetividade, motricidade, inteligência – podendo, dessa forma, definir seu projeto teórico como a elaboração de uma psicogênese da pessoa total. Ele não propôs um sistema que aconteça por etapas de evolução psíquica, organizado e linear, desenvolveu sua teoria pela compreensão dos objetivos da criança e os meios que ela usa para concretizá-los, investigando cada uma de suas manifestações dentro de suas possibilidades.

Para Wallon, o desenvolvimento não começa cognitivamente. A atividade da criança está, a priori, voltada para a sensibilidade interna (afetiva), a qual abrange o primeiro ano de vida (QUEIROZ, 2008). E então só depois irá se juntar com outros elementos exteriores para possivelmente perceber as características do aspecto cognitivo do desenvolvimento.

Wallon divide as fases da criança nos estágios impulsivo emocional, sensório-motor e projetivo, personalista e categorial. O impulsivo emocional (0-1 ano) é o estágio na criança onde há a predominância das relações emocionais com o ambiente; o sensório-motor e projetivo (1-3 anos) é onde ocorre a exploração do meio físico e onde começa a fala e identificação de objetos a partir da mesma; o personalista (3-6 anos) caracterizado pelo pensamento sincrético, é onde há a construção da consciência em si, e há a predominância das relações afetivas pois o interesse da criança dirige-se às pessoas; o categorial (6- 11 anos) é o estágio onde ocorre o progresso intelectual e há a diferenciação em vários pontos de vista.

Pensamento sincrético: Wallon coloca o sincretismo como a principal característica do pensamento infantil. No sincretismo, tudo pode se lidar a tudo. O pensamento sincrético designa o caráter confuso e global da percepção e do pensamento infantil. A criança mistura aspectos fundamentais como o sujeito e o objeto pensado, os objetos entre si, com os planos do conhecimento; representações do real (ideias,

imagens) se combinam das formas mais variadas e inusitadas tais como a fabulação, tautologia e elisão. (QUEIROZ, 2008)

Jean Piaget (1896 - 1980) era muito dedicado ao estudo da Filosofia e da Psicologia. A teoria que ele apresenta é interacionista, ou seja, acredita na ideia e interação entre o organismo e o meio, na qual tem de resultado a aquisição de conhecimentos, como um processo construído pelo indivíduo que dura toda a vida (QUEIROZ, 2008).

Se tomarmos a noção social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação, como as relações “exteriores” (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo. (PIAGET, 1973, p.242)

A psicologia deve muito a Jean Piaget. Pois ele revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento infantil ao desenvolver o método clínico de investigação das ideias das crianças, que foi generalizadamente utilizado posteriormente. Foi o pioneiro a estudar sistematicamente a percepção e a lógica infantis; e também trouxe ao seu objeto de estudo uma abordagem de amplitude diferente e nova. Centrou o estudo mais sobre o que as crianças têm do que sobre o que lhes falta. E por esta abordagem positiva demonstrou que a diferença entre o pensamento dos adultos e das crianças era mais qualitativa do que quantitativa (VYGOTSKY, 1987).

Segundo Piaget,

o elo que liga todas as características específicas da lógica infantil é o egocentrismo do pensamento das crianças. Ele reporta todas as outras características que descobriu, quais sejam, o realismo intelectual, o sincretismo e a dificuldade de compreender as relações, a este traço nuclear e descreve o egocentrismo como ocupando uma posição intermédia, genética, estrutural e funcionalmente, entre o pensamento autístico e o pensamento orientado. (VYGOTSKY, p. 17, 1987)

A proposta que Piaget apresenta é que o desenvolvimento cognitivo acontece obedecendo a estágios, e ao passar do tempo, a inteligência do indivíduo vai mudando, de acordo com as interações que são proporcionadas. Deste modo, os estágios do desenvolvimento, segundo Jean Piaget são: sensório motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais (PIAGET, 1973; QUEIROZ, 2008).

O estágio sensório motor (0 - 2 anos) é o período onde a criança explora o ambiente através de sensações experimentadas (uso aguçado dos 5 sentidos), e este é fundamental no seu desenvolvimento. Entretanto não faz isso voluntariamente, apesar da criança apresentar uma conduta inteligente, é só um reflexo do que vê. (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010; QUEIROZ, 2008). Já o estágio pré-operacional (2 - 6 anos) é uma etapa onde aparece a

linguagem oral da criança e posturas egocêntricas (QUEIROZ, 2008). Neste período, o papel da Educação Física deve ser pautado e estruturado, de forma que haja estímulo para criança se desenvolver e vivenciar diversas experiências utilizando-se de brincadeiras, com situações vitais na realidade (MELLO et al., 2014).

O estágio chamado de Operações Concretas (7 - 11 anos) é uma fase caracterizada pela superação do egocentrismo e pela iniciação de uma construção lógica (QUEIROZ, 2008), “...a partir da manipulação ou imaginação de situações ou objetos de forma concreta.” (OLIVEIRA; CAMINHA, 2014, p. 60).

E por último, o estágio denominado de Operações Formais, que acontece dos 12 anos em diante, a criança já tem o pensamento concreto sem precisar manipular objetos concretos para que realize seus pensamentos e organize suas ideias. Nesta fase, o adolescente busca uma independência, pois passa a refletir sobre si e ter suas próprias ideias (QUEIROZ, 2008; OLIVEIRA; CAMINHA, 2014).

Outra teoria bastante conhecida é a de Lev Seminovitch Vygotsky (1896-1934), esta enxerga o indivíduo como um ser ativo, em que age sobre o mundo e transforma suas ações e defende a ideia da interação social e a base biológica para o seu desenvolvimento (QUEIROZ, 2008; ROCHA; WINTERSTEIN; AMARAL, 2009). Nesta teoria, é dado destaque às possibilidades do indivíduo partindo do ambiente em que vive e que referem-se ao acesso que o ser humano tem a “instrumentos” físicos (objetos) e simbólicos (valores, crenças, cultura, conhecimentos) desenvolvidos em outras gerações (QUEIROZ, 2008).

Diferentemente de Piaget, Vygotsky explicava que a aprendizagem levava ao desenvolvimento, assim como o desenvolvimento poderia levar a aprendizagem. Para Piaget, o pensamento vem antes da linguagem porque a maturação biológica trata do individual para o social espontaneamente. E Vygotsky, por ser ambientalista, acreditava que o social vinha antes do individual, ou seja, o pensamento e a linguagem vinham de forma simultânea e não separadamente (QUEIROZ, 2008; ROCHA; WINTERSTEIN; AMARAL, 2009). Vygotsky coloca que a referência do indivíduo com parceiros mais experientes cria, termo denominado por ele, a “zona de desenvolvimento proximal (ZDP)” (QUEIROZ, 2008).

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de **desenvolvimento real**. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação; aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É como se o processo de desenvolvimento progredisse mais lentamente que o processo de aprendizado; o

aprendizado desperta processos de desenvolvimento que, aos poucos, vão tornar-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo. (OLIVEIRA, 1995, p.60)

2. LINGUAGEM

Ao pensar no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem torna-se necessário um conhecimento prévio acerca dos processos de pensamento. E por isso foi preciso entender melhor sobre as concepções de aprendizagem e as teorias de desenvolvimento apresentadas anteriormente. Portanto, a partir delas podemos começar a discorrer mais especificamente sobre a linguagem, a qual é um dos focos deste trabalho.

Mas antes de tudo, recorri ao dicionário para conceituar o termo *aquisição* e encontrei: "1. Ato ou efeito de adquirir. 2. A coisa adquirida" (AURÉLIO, 2009, p. 134). Da mesma forma busquei mais significados na definição do verbo adquirir, que elucidou: "1. Passar a ter a posse de (algo) mediante compra, troca, etc.; obter. 2. Vir a ter, criar, contrair. 3. Alcançar, conquistar. 4. Assumir, tomar" (AURÉLIO, 2009, p. 96). Todos os significados no geral remetem a algo que já existia, algo pronto que a pessoa tem a chance de obter. Essas ideias são importantes para a compreensão do trabalho.

2.1 Aquisição da linguagem

Baseado no que Atkinson, Atkinson, Smith, Bem e Nolen-Hoeksema (2002) apresentam, a linguagem é a utilização combinada e organizada de palavras para fins de comunicação, e principalmente, do pensamento. Para os autores, a linguagem tem caráter universal e pertence somente à espécie humana, possibilitando que as pessoas tenham a capacidade de dominar e usar um sistema linguístico complexo. Porém vale ressaltar que a linguagem não consiste apenas na comunicação e transmissão de ideias através de palavras, que são essenciais no desenvolvimento cognitivo, mas também na comunicação não verbal, que utiliza de gestos e ações, movimentos que expressam emoções sociais (PAPALIA & OLDS, 2000).

A utilização da linguagem possui dois aspectos: um de produção e um de compreensão. Esses aspectos constituem o processo de aquisição da linguagem e apresentam os níveis da sintaxe, da semântica e da fonologia, que abrangem, respectivamente, as unidades de oração, a transmissão de significados e os sons da fala (ATKISON et al, 2002).

Nas palavras de Miranda e Senra (2012), para Piaget a linguagem não é suficiente para explicar o pensamento, uma vez que o mesmo tem raízes no agir e em mecanismos sensório-motor, os quais têm mais significado do que o fator linguístico. Mas,

[...] não é menos evidente que quanto mais refinadas as estruturas do pensamento, mais a linguagem será necessária para complementar a elaboração delas. A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca individual e da cooperação (Piaget, 1967, p. 92).

Para Vygotsky (1998), a fala egocêntrica vem a partir da função essencial da fala, a comunicação e o contato social. A partir do momento em que as crianças se desenvolvem, conduzindo sua fala para comunicações específicas com outras pessoas, elas começam a conduzir a fala para si, estimulando à internalização de palavras e à construção da fala interior.

Segundo Oliveira (1992), de acordo com Vygotsky, o intercâmbio social e o pensamento generalizante são as duas funções básicas da linguagem humana. E a utilização desta favorece os processos de generalização e abstração. Pois além de servir ao propósito de comunicação entre indivíduos, a linguagem torna simples e generaliza a experiência, ordenando o domínio do mundo real em categorias conceituais no qual o significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem.

Papalia e Olds (2000) citam que as crianças, ao longo do seu desenvolvimento, se tornam mais competentes na comunicação conforme dominam as palavras, as frases e a gramática, o que mostra a existência de uma ligação entre a forma e a função da fala. Vygotsky (1998) afirma que a fala exterior origina a fala interior. Em outras palavras, as mudanças funcionais e estruturais acumuladas e ocasionadas pela fala exterior e pela diferença das funções social e egocêntrica da fala, tornam possíveis o desenvolvimento da fala interior, a qual constitui o princípio da formação dos conceitos.

Para uma melhor compreensão da formação da linguagem, é imprescindível o entendimento sobre o pensamento. Nesse quesito, Vygotsky (1998) evidenciou a ideia de evolução do pensamento dividindo-o por complexos de cinco tipos. Foram eles: (1) associativo, baseado em relações de semelhanças ou diferenças notadas entre as coisas; (2) coleções, um arranjo de objetos ou impressões concretas desenvolvidas pela experiência prática; (3) cadeia: uma conexão dinâmica e consecutiva de encadeamentos isolados numa só corrente, com a

emissão de significados de um encadeamento para outro; (4) difuso, o qual é caracterizado pela fluidez do próprio atributo que une os seus elementos. Nele, há a construção de conjuntos de imagens ou objetos perceptualmente concretos por meio de ligações difusas e indeterminadas; (5) pseudoconceito, que constitui a ligação entre complexos e o estágio final de mais alto desenvolvimento da formação de conceitos.

Diante disso, o autor aponta que

[...] O desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar (VYGOTSKY, 1998, p. 104).

Resumidamente, para Piaget (1967) a aquisição da linguagem é apenas uma possibilidade no momento em que as condutas sensório-motoras ultrapassam às ações conceitualizadas através da socialização e de progressos inteligentes pré-verbais com a interiorização no tipo de representação. Porém em oposição, Vygotsky (1998) não traz nenhuma concepção que diga que esses processos (linguagem e pensamento) sejam um antecedente do outro.

2.2 O ensino da Língua Inglesa

Algumas pesquisas na área da neurociência divulgaram que a idade ideal para se adquirir uma linguagem acontece nos primeiros dez anos da vida da criança, e isso se deve, segundo teóricos como Penfield e Roberts (1959), porque nesse período o cérebro tem seu ponto mais alto de plasticidade, sendo que já na puberdade ele não teria mais as mesmas capacidades, pois estas seriam perdidas gradativamente.

Na apresentação da língua inglesa na Educação Infantil, os professores optam mais por usar vídeos, músicas, jogos, contação de histórias (este sendo o mais abrangente) e utilizam de objetos para que as crianças consigam interiorizar os novos vocabulários no idioma. Sobre esse tema, o pesquisador Brown (2001, *apud* Chaguri, 2004, p.4) postula que quanto mais a criança é exposta a uma palavra, maior será a absorção da mesma. Desta forma, as aulas de inglês para crianças devem ser lúdicas e chamativas, utilizando-se dos jogos, das músicas, e de outros que ajudarão na fixação do conteúdo (CHAGURI, 2004).

As crianças têm a necessidade de uma atividade divertida e variada, pois sua concentração não se mantém por muito tempo numa coisa só. Leventhal (2006, p.58) cita que

“As crianças apreciam atividades que envolvam música e/ou movimento corporal.”, pois elas aprendem e adquirem um melhor desenvolvimento com as próprias experiências, descobrindo da sua forma as coisas que existem ao seu redor. Quando o professor for planejar a atividade para seus alunos, precisa pensar sobre o nível a atenção de participação dos mesmos: “nessa fase as crianças precisam modelar a língua, e as práticas devem ter maior controle no início e aos poucos permitirem maior liberdade”. (LEVENTHAL, 2006, p.58).

De acordo com Schutz (2003), “a motivação pode ser definida como o conjunto de fatores circunstanciais e dinâmicos que determina a conduta de um indivíduo”. Esta pode ser estimulada seja por fatores externos como internos. Os fatores externos são conhecidos como a motivação extrínseca, ou seja, é uma motivação que vem de outra pessoa ou de algo para obrigar alguém a agir de forma necessária. Já os fatores internos são a motivação intrínseca, aquela que vem de dentro da pessoa independentemente de qualquer influência externa para fazer as coisas acontecerem.

Referindo-se ao ensino de Língua Estrangeira, principalmente nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, o que se observa são atividades que se pautam no Método Gramática e Tradução. E essa escolha pode ser colocada como uma das causas pelos níveis baixos na motivação entre os estudantes. Mesmo que a Língua Inglesa esteja por, pelo menos, sete anos, na vida desses alunos é possível verificar que, ao final desse período, há pouco conhecimento, por exemplo, dos pronomes pessoais e até mesmo das formas básicas de cumprimentos.

3. LUDICIDADE

A ludicidade ou simplesmente o ato de brincar tem participação direta no cotidiano da criança, desde o primeiro dia de sua vida. Quando ela brinca, não só passa a desenvolver a inteligência, mas também a sua composição corporal e a sua socialização. O lúdico, como ferramenta pedagógica de extrema importância ao desenvolvimento dos aspectos sociocognitivos dos alunos, tem a intenção de gerar uma motivação e uma aprendizagem mais profunda. Segundo Vygotsky (1994), a motivação é um dos fatores principais, não apenas de aprendizagem como também de aquisição de uma língua estrangeira.

Para Vygotsky (2001), a brincadeira é o meio natural para que a criança possa desenvolver comportamentos morais. É na atividade lúdica que a criança encontra uma considerável quantidade de normas, que não foram estabelecidas por adultos.

Segundo Moser (2004), a ludicidade deve ser utilizada como um recurso pedagógico, pois o lúdico apresenta dois elementos característicos: o prazer e o esforço espontâneo. Ele faz uma integração de várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva.

Temos que para Luckesi (2000), as atividades lúdicas são as que proporcionam experiências plenas, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. Essas podem vir de uma brincadeira, um jogo, uma dinâmica de integração grupal, um trabalho de recorte e colagem, jogos dramáticos, atividades rítmicas, entre várias outras possibilidades as quais possam contribuir para que a criatividade dos alunos desperte e o aprendizado efetive-se e haja assimilação e socialização do que está sendo ensinado.

Para sintetizar as características formais da atividade lúdica ou mesmo do jogo propriamente dito, usaremos o conceito de Huizinga:

Poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 2007, p. 16, grifo do autor).

A Educação Física tem como dever o preenchimento de necessidades de afeto, autoestima e autorrealização das crianças usando de atividades lúdicas, que envolvem jogos e brincadeiras em seu plano como meta principal, pois a satisfação que uma criança obtém ao exercitar o seu corpo e a sua mente por meio da brincadeira torna muito mais alto seu otimismo e reduz o nível de estresse a que constantemente está submetida, independente de situações agradáveis ou desprazerosas enfrentadas ao longo do seu dia a dia. (FERREIRA; VALDÉZ, 2005).

METODOLOGIA

A metodologia usada neste estudo foi o de pesquisa bibliográfica qualitativa. O básico numa pesquisa bibliográfica é a investigação em material teórico sobre o assunto que será abordado. Ela antecede o reconhecimento do questionamento que será o delimitador do tema a ser estudado. Isso significa que, antes mesmo de demarcar o objeto de estudo, deve-se ler sobre o assunto, o que irá ajudar nessa delimitação. A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para a construção efetiva de todo o processo de investigação, ou seja, após a escolha do assunto é essencial fazer uma revisão bibliográfica do tema que será abordado. Essa pesquisa auxilia na escolha do melhor método, assim como em um conhecimento das variáveis e na autenticidade dessa pesquisa.

O método qualitativo usa o estudo de um objeto, tentando interpretá-lo em termos do seu conceito. Neste aspecto, a análise considera mais a subjetividade do pesquisador. O objetivo é considerar uma totalidade, e não dados ou aspectos separados.

Primeiramente, pesquisei bastante sobre o assunto que foi abordado neste estudo e a sua relevância mediante a sociedade atual e as necessidades de melhoramento da mesma. Segui procurando os autores mais relevantes para cada parte que compôs este estudo. E após uma seleção minuciosa do que ajudaria para um melhor esclarecimento desta investigação, juntei todas as informações encontradas para que eu pudesse comprovar que daria certo a ideia apontada no estudo.

Este método foi escolhido por ser o mais adequado para uma investigação sobre algo a ser concretizado. Este também é usado para preceder uma pesquisa de campo, mas devido ao Covid-19 a investigação teve que permanecer teórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo como esta investigação bibliográfica a respeito do uso da ludicidade, tão disseminada na Educação Física nos anos iniciais, e da motivação dos alunos no aprendizado da Língua Inglesa podemos concluir que teríamos um ganho enorme se fosse possível usar da interdisciplinaridade entre essas duas disciplinas na escola, levando em conta a enorme importância desta língua no mundo.

Essa interdisciplinaridade usada nas duas matérias usando dessas atividades lúdicas ajudaria na motivação dos alunos porque usaria do cotidiano mesclando temas em inglês e movimentos corporais, aonde a criança teria mais aproveitamento e prazer ao participar da aula. A qual é o foco deste trabalho, o aumento desta motivação.

Visto que na concepção interacionista, as experiências anteriores são base para novos conhecimentos, e que não são adquiridos de forma passiva, mas sim por pressões do meio sobre o indivíduo e a relação que este tem com o ambiente numa determinada situação, podemos perceber que usando da ludicidade para tal pressão, o índice de motivação poderia aumentar bastante.

Sabe-se que, na teoria, as aulas de inglês deveriam ser lúdicas, mas são poucos lugares que têm estrutura e até profissionais qualificados para tal. Porém com um olhar mais aguçado nos assuntos abordados neste trabalho, é possível dizer que, por exemplo, ao se colocar uma criança para brincar de algum tipo de jogo reduzido que tenha a ver com futsal, e ao mesmo tempo colocar um tema para a aula, em inglês. É muito provável que ela vá se lembrar do que aprendeu com o tema da aula pela ludicidade usada quando estava aprendendo uma matéria que é exclusiva da Educação Física, como jogar futsal. E isso vai motivá-la a querer aprender mais não só sobre o jogo, mas também sobre o Inglês.

Uma pesquisa de campo poderia nos trazer respostas mais concretas sobre esta investigação, mas devido a pandemia de Covid-19 que estamos enfrentando não foi possível realizá-la. Mas deixo aqui meu apelo sobre a motivação dos alunos em relação ao aprendizado do Inglês, e minha esperança de que se algo como essa interdisciplinaridade fosse feito, isso mudaria. Não precisa de muito para motivar uma criança, basta uma força de vontade maior do profissional para acreditar nelas e no poder do lúdico para isso.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, R.L.; ATKINSON, R.C.; SMITH, E.E., BEM, D.J. & NOLEN- - HOEKSEMA, S. (2002). Psicopatologia. In: R. L. Atkinson; R.C. Atkinson; E.E. Smith; D.J. Bem & S. Nolen-Hoeksema (Eds.), *Introdução à Psicologia de Hilgard*. (13ª edição; D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, C. J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

GIUSTA, A. S. Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas. **Educação em Revista**, v. 29, n. 1, p. 17-36, mar. 2013.

QUEIROZ, E. M. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org) 1987.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

ROCHA, B.; WINTERSTEIN, P. J.; AMARAL, S. C. F. Interação social em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 3, p. 235-245, jul./set. 2009.

OLIVEIRA, G. M. de; CAMINHA, I. O. Epistemologia genética e educação física: algumas implicações pedagógicas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 1, p. 57-65, jan./abr. 2014.

Oliveira, M. K. (1992). Vygotsky e o processo de formação de conceitos. La Taille, Yves de.; Oliveira, Marta Khol de.; Dantas, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, p. 23-34.

Papalia, D. E.; Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed.

Piaget, J. (1967). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

WEREBE, M. J. G. & NADEL-BRULFERT, J. (orgs). *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 1986 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança . Trad. de Cristina Carvalho. Lisboa, Edições 70, 1941/1981.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. 5 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SCHUTZ, Ricardo. “**Motivação e desmotivação no aprendizado de Línguas**” English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. Acesso em 02/08/2021.

PENFIELD, W; ROBERTS; L. Speech and brain mechanisms. New York: Atheneum, 1959.

CHAGURI, J. P. A Importância da Língua Inglesa nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. In: O DESAFIO DAS LETRAS, 2., 2004, Rolândia. Anais... Rolândia: FACCAR, 2005.

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch. *Ingês é 10!* 1 ed. São Paulo: Disal, 2006.

FERREIRA, H. S.; VALDÉZ, M. T. M. Brincar na educação física com qualidade...De vida! Revista Digital, Buenos Aires, n. 87, p. 1-6, ago. 2005.